

SABER

Vilma Chiara(*)

Saber

O saber é um conceito, uma idéia, um feixe de emoções, algo abstrato cuja essência é vagamente concebida residindo numa área do “espírito humano” chamada de “o implícito”. Como membros de uma mesma cultura usamos uma linguagem própria à comunicação em nível implícito que dá conta das nossas necessidades comunicativas. Falamos com desenvoltura da “sede de saber”, do “sabor do saber”, dos “saberes”, para dizer de conhecimentos específicos, do saber como fonte de prestígio, do saber como material de trocas econômicas, do saber científico como construtor do conhecimento, da sabedoria como um dom pessoal ou divino, etc. O que é suficiente ao nosso cotidiano, mesmo quando tratado com sabedoria, mesmo quando presente em profundas reflexões não é adequado quando nos deparamos com a necessidade de aplicá-lo para a compreensão de outras sociedades. Nesse caso, ou mesmo quando o Antropólogo depara com a necessidade de explicar fatos observados em outros setores da sua sociedade cujas variações culturais diferem da sua, percebe-se que o conceito em questão pode envolver diferentes idéias, ser o cadinho de outras emoções e ter significados diferentes naquele contexto. O Antropólogo de campo, etnógrafo, “tradutor” de outras linguagens culturais, de outros estilos de grupos sociais é um profissional que deve usar instrumentos comunicativos precisos não só para uma “tradução” intercultural, mas também e sobretudo, para penetrar no estilo social do grupo que observa. Quando o sujeito de suas observações está muito próximo, as suas

(*) Professora do Curso de Mestrado em Educação - UFPI

Rev. do Mest. em Educ.	Teresina	v.1 nº1	pp. 27-37	1996
------------------------	----------	---------	-----------	------

dificuldades aumentam, pois existe ali uma zona de comunicação implícita cujas barreiras nos são desconhecidas, fluídas e enganadoras, por isso os instrumentos de observação e de análise devem ser mais precisos.

Existe ainda mais um detalhe. Embora esteja falando em nome de antropólogos e cuidando de instrumentos próprios à disciplina Antropologia, uma precisão de conceitos é útil e mesmo necessária para o seu uso em outras disciplinas. Estaríamos então penetrando na questão sobejamente discutida da interdisciplinaridade, atitude que se torna efetivamente enriquecedora quando deixamos de borboletear pela superfície de teorias mal digeridas para chegarmos a raízes comuns onde estão ancorados os vários sistemas de conhecimento, sistemas que são as disciplinas aparentemente estanques e incomunicáveis. Compreender o que é o Saber e percebê-lo através de suas peculiaridades, características e facetas contextuais é especialmente importante para quem se propõe debruçar-se sobre as questões da educação formal.

Para obtermos um parâmetro adequado ao uso do conceito de Saber no panorama da sociedade ocidental, iniciamos por consultar dicionários de outras línguas além da portuguesa: a francesa e a inglesa. Detectamos que o Saber (*le Savoir*, *the Knowledge*) possui certos atributos essenciais, quais sejam: a sedimentação de conhecimentos e sua constante crítica, no que diz respeito ao processo individual e, no contexto das relações sociais, à oscilação dos valores que lhe são pertinentes determinando a dinâmica da ubiquação social dos que o detêm. Tais valores são emocionais que conferem prestígio, autoridade através de consideração, estima e amor. Como vemos, os conceitos com os quais trabalhamos não só na Antropologia mas em qualquer disciplina que envolve a prática das relações sociais (e as Ciências da Educação em particular) e especialmente o conceito de Saber são de natureza a envolver o pesquisador analista em suas emoções.

Saber e cultura

Um outro ponto que deve ser bem esclarecido para a

compreensão do Saber é o seu limite com outro conceito, o de Cultura. A confusão advém do fato que ambos têm a ver com a passagem de conhecimentos de indivíduo a indivíduo, de categoria a categoria e de geração a geração. A Cultura, sendo o patamar básico da vida social do homem, inclui as atividades do Saber, como aliás, inclui toda e qualquer atividade humana, pois todas elas podem ser revestidas de sentido simbólico.

Simbolizar é uma capacidade inerente à espécie humana, sendo o que a distingue de outras espécies de animais sociais. Ela se incorpora nas zonas não conscientes da mente. Os conhecimentos transmitidos pela Cultura seguem esses trâmites "viscerais", tornam-se automáticos, compulsivos até, e só se tornam um Saber quando tratados de maneira consciente, quando são teorizados.

Saber e conhecimento

Ao abordarmos a questão ardua da "natureza cultural do homem" falando de trâmites viscerais" do conhecimento, estamos beirando as zonas fronteiriças do cultural e do biológico do homem. Surge nesse momento, um outro conceito - o conhecimento - cujas fronteiras com o Saber apresentam-se confusas. Os termos saber e conhecimento são comumente empregados como sinônimos, porém existem diferenças entre eles, que não surgem ao consultarmos um dicionário comum. Elas são porém necessárias.

Ao confrontarmos os dois termos, deparamo-nos com duas interpretações. Uma delas nos leva a considerar o Saber como um terreno amplo, de conhecimentos, restringidos estes a compartimentos específicos. Uma outra interpretação nos leva a estabelecer um critério diferenciador mais conveniente: o que considera Saber como uma atitude intelectual perante uma informação, enquanto que o Conhecimento seria aquela operação particular da aquisição das informações através dos sentidos. Para o desenvolvimento deste trabalho, a segunda interpretação seria a mais conveniente pois ela nos dirige para a percepção dessas duas diferentes maneiras de se organizar as informações recebidas.

Como estamos percebendo, ao discutirmos o conceito de Saber,

deparamo-nos com a imprecisão e a intervenção de outros conceitos: cultura, conhecimento, informação, inteligência e por aproximação, razão. No confronto entre conhecimento e saber os critérios enunciados pela segunda interpretação das relações conceituais entre eles nos levam a focalizar a maneira pela qual o homem se apropria de informações.

Ao aceitarmos que a percepção primeira de qualquer informação advenha através dos sentidos (a visão, a audição, o tato, o olfato) e ao aceitarmos também que essa percepção seja chamada de conhecimento, estaremos considerando uma situação básica e primária a que são submetidos todos os seres vivos. Os seres dotados de movimentos manifestam atitude de receio perante o desconhecimento que se lhes depara, pois existe a idéia de que pode haver alguma relação agressiva na experiência do Conhecer. Se existir alguma agressividade, o objeto recém-conhecido torna-se uma presa ou um predador: é comido ou evitado. São criados assim os reflexos e os condicionamentos fundamentais e, poderíamos dizer, os atos irrefletidos, as reações próprias aos animais entre os quais, o homem.

Nesta altura das nossas reflexões, convém inserirmos mais um elemento útil para a compreensão da dinâmica do conhecimento e de como ele é diferente do saber: a noção de sistema.

Sistema, diz o dicionário, “é o conjunto de elementos, materiais ou idéias entre os quais se possa encontrar ou definir alguma relação”.

A compreensão do mundo e de seus detalhes passa pela organização automática de sistemas mentais de informações. Uma informação é captada e transformada em experiência e como tal, armazenada “num banco de dados”, ou inserida num bloco de outras informações similares, iniciando-se assim um sistema simples que gera uma ação condicionada àquela experiência. Ao sentir os efeitos do fogo na pele, homens e animais passam a evitá-lo manifestando um mesmo gesto automatizado. Conhecer seria pois aquela operação primeira que torna conhecido o desconhecido. A experiência obtida pelos sentidos é transformada em informação e levada a integrar um sistema, seja este um banco de dados ou um conjunto de elementos organizados segundo uma regra repetitiva que os condiciona, gerando

um comportamento automatizado. Esses processos de tomar conhecimento são comuns a sociedades humanas e animais.

As experiências de um indivíduo tendem a ser participadas para o grupo e, dependendo do caso, forma-se uma organização social correspondente. A experiência individual é registrada em termos de apanhar ou evitar, enquanto que a experiência social se articula em torno de uma organização hierárquica onde surgem atitudes de proteção e de dominação.

O que humaniza o tratamento da informação é a intervenção da Cultura, isto é, da imediata tentativa de atribuir um símbolo ao objeto recém-conhecido colocando-o no interior de um sistema simbólico preexistente, lógico e flexível. Em seguida é gerada a atitude social a ser tomada de acordo com o entrosamento da nova informação no sistema cultural global que rege a sociedade. Ainda focalizando a experiência recém-adquirida e inserida num sistema, o homem a submete a um tratamento específico ditado pelo Saber, como: a racionalização ou a sua conexão com a realidade; a justificação do tratamento simbólico a que foi submetida e, oportunamente, a explicitação, como uma teoria resultante. É assim que os sistemas culturais-simbólicos são tratados e justificados pela razão, e passados socialmente pelas gerações através de sua explicitação, o que vem a dizer que eles constituem as teorias sobre o cosmos, o mundo, a natureza, a sociedade, o corpo. A Cultura, conjunto de sistemas situados numa zona abstrata da sociedade e num plano nem sempre consciente da mente humana, torna-se concreta, consciente e explicitada através do Saber, da razão e de suas linguagens.

Ao encontrar interesse na distinção entre Conhecer e Saber, lembrei-me de um exemplo que nos levaria à fronteira disciplinar entre a Antropologia e a Semiologia, na consideração da diferença entre signo e símbolo. O sistema automatizado ao qual o Conhecer leva uma informação ou organiza informações é o que corresponderia ao mecanismo de convencionar signos tornando um conjunto deles um sinal para uma determinada ação. É o caso do condicionamento de cães que reagem de uma certa maneira a um sinal dado pelo treinador, sendo também aquela operação que obriga o homem a memorizar cadeias de dados, como o texto de uma canção a uma melodia, como o

reflexo criado pela memorização de tabuadas de operações aritméticas. Mais adiante, ao tratarmos do Saber vinculado ao ensino em geral, veremos como as operações automatizadas são necessárias ao aprendizado, mas como o exagero na sua aplicação perturba a formação de sistemas simbólicos do Saber.

O saber e a transmissão da cultura

A cultura, como um conjunto abstrato de símbolos, situada em plano subjacente à respectiva sociedade, é concretamente transmitida de geração em geração através de linguagens que são os veículos de comunicação das idéias encerradas em sistemas mentais de conhecimento. Tais linguagens, organizadas em sistemas “concretos”, ou melhor, os que podem ser observados empiricamente “traduzem” as idéias dos sistemas mentais ancorados na mente de um indivíduo e que correspondem a sistemas coletivos ou culturais. O termo “tradução” para essa passagem de sistemas culturais para sistemas sociais parece ser adequado, porquanto encerra aquela dose fluida de desajustamento que caracteriza todo e qualquer tipo de tradução. Em outras palavras, uma tradução muito dificilmente é fiel ao original. De onde se considera difícil e falha uma fiel teorização daquilo que é pensado.

Um outro termo também adequado e pelas mesmas razões seria “interpretação”. O tradutor e o intérprete de idéias são indivíduos que apresentam comportamentos, emitem discursos, fazem obras, tudo adequadamente fundado e limitado pelos padrões culturais compreendidos, admitidos e aprovados pelos que deles compartilham. O seu sucesso social repousa na maior fidelidade aos sistemas culturais subjacentes.

As mais diversas formas de linguagem fornecem às pessoas os meios para traduzir, interpretar as idéias que se encontram sistematizadas na sua mente geralmente de maneira não consciente e que lhe foram transmitidas desde seu nascimento pelos demais membros da sociedade. Linguagem seria um sistema de comunicação abrangendo uma das atividades e manifestações entre pessoas e que é adequada aos sistemas previamente instalados pela Cultura. A cultura em sua

totalidade, é transmitida e retransmitida a cada geração através de uma tradução, de uma interpretação, de uma passagem adequada de idéias para a sua concretização socialmente reconhecida.

Uma das linguagens mais tipicamente humanas é a falada, a que utiliza e organiza sistemas de sons articulados para expressar, concretizar de certa forma, as idéias angariadas através do conhecimento, seja organizadas como informações do banco mental de dados ou como sistema simbolicamente concatenado com outros sistemas, etc. É através da linguagem falada que os sistemas simbólicos de idéias são teorizados. Uma teoria seria pois uma tentativa de organizar através de um sistema de palavras (símbolos orais articulados) uma linguagem para traduzir um sistema de idéias conceituais, ancoradas na mente das pessoas.

Até aqui referimo-nos à linguagem oral, meio de comunicação que se atém mais especificamente à noção de sabedoria, um dos aspectos do saber. A linguagem escrita tem um outro alcance e surge a partir de um determinado contexto sócio-cultural, como veremos mais adiante.

Saber, sabedoria e ciência

Embora o dicionário do vernáculo acuse uma correspondência estrita entre sabedoria e ciência, os dois termos não são sinônimos. Um cientista nem sempre é um sábio e vice-versa. Um dos itens do verbete “sabedoria” é porém significativa: ele trata da sabedoria popular e menciona a “tecnologia popular”, deveria se falar em “ciência popular”. Porém, percebemos imediatamente, como um reflexo implícito, a impropriedade de tal elocução, pelo simples motivo que a ciência não pode ser popular pois é atada a um sistema específico de regras e normas que dependem, em primeiro lugar, da escrita (nem sempre acessível a todos os homens) e, em segundo lugar, de uma instituição específica, a Academia ou um seu equivalente em outras sociedades da mesma conformação estrutural.

Dizemos comumente que existem vários tipos de Saber, o que não é o caso, pois como acabamos de verificar, é possível definir espaços

no seu interior, sem estabelecer tipos mas discernindo modos como as informações são tratadas e explicitadas. São os sistemas específicos de conhecimentos que envolvem linguagens, isto é, enunciados e técnicas pertinentes.

Sabedoria se contrapõe à Ciência, situando-se, cada uma delas num campo de sistemas culturais discerníveis pelas regras fundamentais que os regem. A sabedoria se atém a regras e normas da bagagem simbólica cultural em seu sentido amplo. Ela consiste na teorização de idéias tradicionais transmitidas, via de regra, oralmente e só eventualmente pela escrita. A presença física do transmissor dessas mensagens é importante e constitui o elo emocional da linguagem oral.

A escrita tem duas funções: a de ampliar o circuito da mensagem e de formar um lastro de fixação, de memorização dessas mensagens. Se a sabedoria constitui a tradução e interpretação “viva” de preceitos culturais aceitos e emocionalmente revigorados, ela prescinde da escrita como mecanismo de memorização, de fixação de idéias. Nessa premissa se situa a diferença entre sabedoria e Ciência: na construção de sistemas cognitivos que necessitam ou não da escrita como veículo de comunicação e de duração de idéias, de outra maneira não ultrapassariam o “tempo de vida de homem”. Reconsiderando. O sábio, detentor da sabedoria é aquele que tem a capacidade de explicitar princípios fundamentais próprios à sua sociedade e que se situam em zonas implícitas e não-conscientes da mente de seus companheiros. A ciência tem como apanágio a expressão de idéias conformadas em sistemas mentais conscientes, bem como o tratamento crítico de informações submetendo-as a regras e normas estipuladas pelo consenso de membros de uma “academia” ou uma categoria de “homens de saber”.

No parágrafo precedente referi-me à escrita como mecanismo “artificial” de memorização de idéias. Por força do discurso, a transmissão oral da sabedoria é sentida como um meio “natural” de comunicação porque se trata da teorização e veiculação de idéias culturais de domínio incondicional a todos os membros da sociedade. O termo “artificial” denota a existência de uma clivagem nos sistemas cognitivos condizente com a distinção entre categorias sociais hierarquizadas.

As sociedades estruturadas segundo a hierarquia de poder político-econômico reconhecem implicitamente a necessidade de haver um esteio de saber como sustentação complementar a esse desnivelamento social. Além da sabedoria que é de domínio geral de todas as categorias hierarquizadas, surge a ciência como distinção de uma categoria que, embora não detenha o poder, encontra um meio de ascensão social possível através do prestígio que é conferido pelo saber.

Uma incursão histórica pela antigüidade buscando a clivagem sabedoria/ciência nos mostra como as sociedades piramidais (por exemplo a Assíria, a Babilônia, o Egito) organizavam seus sistemas "científicos" circunscritos às categorias sociais governantes. Tais categorias enfeixavam a dominação política e religiosa reiterada pela ruptura dos sistemas de conhecimento da cultura reservando para si aqueles que dependiam de uma iniciação, um acesso "artificialmente" estabelecido: o domínio de uma técnica estabelecida, a escrita. As categorias hierárquicas governamentais eram fixadas por regras de filiação reiteradas pelo domínio de certas regras de conhecimento por parte dos sacerdotes. Essas regras de conhecimento que dizemos hoje científicas foram desvinculadas das categorias políticas governamentais hereditárias e das religiosas por uma "revolução cultural" inaugurada pelas sociedades ou *polis* gregas, surgindo a categoria dos "filósofos" orientada por uma postura particular, sempre baseada na clivagem entre sabedoria e ciência.

O acesso ao governo da *polis* grega deixou de depender de uma barreira hereditária para depender de uma barreira instalada na aquisição de determinados sistemas de conhecimento. A revolução grega resume-se na modificação de barreiras sociais de acesso político-governamental de uma oligarquia - sistema baseado na hereditariedade - para uma democracia - sistema baseado na aquisição de conhecimentos segundo regras convencionadas por uma elite de saber.

A transmissão dessas regras de conhecimento passou a depender da escrita, uma técnica iniciática aos sistemas de conhecimento "artificiais". A democratização desses sistemas significa que são acessíveis aos "letrados", aos que se dispõem a adquirir a técnica da escrita através de um ensino cingido a regras que lhe conferem uma

“forma”, sinal de limite, de barreira, de distinção de uma categoria social cuja característica é a de fornecer possíveis governantes.

Daí a vinculação ciência/poder político das sociedades democráticas e o papel da escola como formadora do cidadão, isto é, do indivíduo transformado em pessoa política, em dirigente ativo seja como candidato a participante da cúpula governamental ou como o participante controlador do poder político instalado, força política baseada no saber, e que chamamos de “opinião pública”.

O saber e a escola

A Escola, instituição presente na modernidade, teria a função de formar cidadãos através do ensino de uma linguagem específica, a escrita. Ela é diretamente vinculada à cúpula governamental e à cúpula do sistema científico do conhecimento, a Academia. O ensino, tanto da escola pública quanto o da rede particular é controlado pela Academia científica através dos ministérios e secretarias de educação dos respectivos países da sociedade ocidental. Nesse caso, ela se destina a formar “cientistas”, embora coloque ênfase na formação de cidadãos. A cidadania, nos currículos escolares do primeiro e segundo graus, restringe-se a posturas diante de símbolos “patrióticos” como as bandeiras, os hinos e no que diz respeito ao conhecimento, ela figura como uma “disciplina” - Estudos sociais - um tanto indisciplinada, diríamos, pois reúne informações históricas e geográficas desconexas sem a preocupação de inseri-las em sistemas de conhecimento. Seriam mais informações para um banco de dados que devem ser memorizados segundo uma técnica de condicionamento. Disso resulta a formação primária de postura e de comportamento caricaturais que tem nome depreciativo aliás: “ufanismo”, “chauvinismo”. Nada se ensina ou se treina para o exercício de representatividade política ou de análise e crítica dos mecanismos de luta pelo poder governamental ou de sua manutenção.

Os ativistas políticos surgem nas Universidades, porém despreparados para exercer qualquer representatividade estudantil, sendo atraídos ingenuamente por ativistas de política partidária, perdendo

assim qualquer visão equilibrada do panorama político social. O tema "cidadania" consta como fenômeno a ser estudado pela Academia, não havendo currículos controlados como os das mais variadas disciplinas científicas. Dessa feita, os temas abordados por ativistas políticos em Escolas populares podem ser direcionados para orientações político-partidárias, distorcendo o que deveria ser uma formação de opinião pública.

Convém atentar para o caráter discriminatório da Escola formal cujo princípio democrático mantém barreiras de acesso à cúpula acadêmica. O índice de reprovações e de evasão escolar revela o quanto é incômoda a cidadania plena, a eficiência da "opinião pública" para os regimes governamentais explicitamente totalitários ou os democráticos nos quais a hegemonia do poder político econômico estabelecido é acentuada. Nestes, as barreiras montadas pela escola são eficazes por serem não conscientes. A atitude dos professores desde os primeiros graus de escolaridade revela uma predisposição para reiterar barreiras ao acesso à Academia e, conseqüentemente às classes dirigentes, e à clara visão do panorama político vigente.